

Academia dá posse a Negrão de Lima

Estado de Minas. B. Horiz. 14. 1. 1969

O professor Oscar Negrão de Lima toma posse depois de amanhã na Academia Mineira de Letras, numa solenidade às 20 horas, com a presença de seu irmão Francisco Negrão de Lima, o governador da Guanabara. Ele vai ocupar a cadeira número 21, que pertenceu ao escritor Nelson de Faria, e que tem como patrono Fernando de Alencar.

Além do governador da Guanabara, vão assistir à posse os seus outros irmãos Jair, José Carmelita e Ester. Antes, o professor faz uma saudação ao seu antecessor e fala sobre questões literárias.

Nova academia

O salão nobre da Academia Mineira de Letras (Rua Carijós, 150) está sendo reformado e vai ser reaberto para a posse do professor Oscar Negrão de Lima. A mesa do presidente foi instalada no centro do salão, encostada na parede que dá para a Rua Carijós. As cadeiras estão dispostas em sua direção.

O idealizador da reforma da academia é o próprio Oscar Negrão de Lima, encarregado pelo presidente reeleito, desembargador Cândido Martins de Oliveira, que viajou para Ubá.

A sugestão direta

O professor Oscar é autor de dois livros: Taquaril, publicado em 1961, e Luz Oblíqua, de 1967. Sobre Taquaril, seu irmão Jair Silva comenta na orelha: "Oscar Negrão de Lima surge com o seu primeiro livro, passando dos meios científicos para os meios literários. O assunto de Taquaril é ficção ou, pelo menos, disfarce da realidade. O autor

decerto se valeu da melhor parte de suas experiências nos lugares pequenos e nos grandes, enfim, no convívio com os mais estranhos exemplares da humanidade. O autor viajou. Conheceu outros povos. Todas as suas recordações, embora no livro não sejam autobiográficas, porque o artista sabe transformar as coisas, devem ter influído na criação literária".

O escritor Pedro Calmon fala sobre Luz Oblíqua: "É um primoroso romance que prende do princípio ao fim, na fluência de sua linguagem, na autenticidade das suas cenas, na beleza singela que lhe é atmosfera natural — e translúcida. Tem tudo o que de sugestivo e direto, ou seja, humano e verídico, se exige da novela também histórica".

Sua biografia

Oscar Negrão de Lima é professor jubilado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal. Nasceu em Lavras, a dois de janeiro de 1895, sendo filho do coronel João Nepomuceno, distrito de Lavras, onde fez o curso primário na escola pública. No Ginásio Mineiro de Belo Horizonte, o curso secundário. Terminou o curso médico na Faculdade de Medicina do Rio em 1918. Clinicou no interior de Minas e depois aqui, onde mora atualmente. Foi chefe do Serviço Médico Legal e Pronto Socorro e viajou em estudos, aos Estados Unidos, Europa, Argentina e Uruguai. É membro correspondente de associações científicas do país, de Montevidéu e Buenos Aires, e presidente de honra do Country Clube. Casado com dona Eunice Veiga (segundo casamento), tem cinco filhos.

Souza Pinto comemora jubileu como livreiro

165 *Journal do Comercio*
Rio, 25.8.1968

Américo de Souza Pinto, conhecido e estimado livreiro paulista, está comemorando neste mês de agosto, seu jubileu de ouro como comerciante de alfarrábios. Dedicando-se a essa carreira desde a adolescência, mal completados os 17 anos, manteve, de modo ininterrupto, um verdadeiro apostolado quase todo voltado para o setor do antiquariado.

Seus cinquenta anos de trabalhos, que o tornam o mais antigo livreiro em todo o Estado de São Paulo, suplantado no Brasil, talvez, unicamente pelo sr. Angelo de Oliveira, do Rio de Janeiro, carregaram a esse homem toda a simpatia e respeito e, por isso mesmo, seus colegas e clientes vêem-lhe tributando o carinhoso tratamento que merece.

INICIO

Nascido em Amparo, no interior paulista, em 14 de agosto de 1901, filho de Joaquim de Souza Pinto e de D. Maria do Carmo Pinto, mudou-se para a Terra da Garoa em janeiro de 1918. Após oito meses como empregado em uma papelaria, onde vendeu os primeiros livros, Américo de Souza Pinto ingressou, precisamente no dia 19 de agosto de 1918, na Casa de Livros de Madame Savani, situada à Avenida de São João, num prédio ainda hoje existente, ao lado do Conservatório Dramático e Musical, dirigida por uma senhora viúva, irmã do famoso João Bricola. Pouco mais de dois anos depois, a viúva Savani, retirando-se do comércio, ofereceu seu estoque de alfarrábios ao maior dos alfarrabistas paulistano, o velho livreiro Augusto Gazeau, exigindo, entretanto, que o jovem Américo acompanhasse os livros e tivesse assegurada uma colocação. Até hoje, os antigos compradores têm por hábito dizer que Américo fizera parte da transação, sob o título «móveis e utensílios da viúva Savani».

A Livraria Gazeau, uma das maiores e mais antigas livrarias paulista, constituía-se, então, em verdadeira escola para livreiros e por ela passaram muitos dos atuais livreiros e editores. Ali, pôde Américo de Souza Pinto dedicar-se inteiramente aos seus alfarrábios, aprofundando seus conhecimentos e aperfeiçoando sua técnica. Permanecendo na Gazeau até maio de 1929, veio, em novembro desse ano a fundar a Livraria Brasil, num local próximo, associado ao seu primo Carlos Mourão de Oliveira. Desfeita a sociedade, em 1941, Souza Pinto foi convidado a assumir a gerência da Livraria Kosmos, que iniciava suas atividades em São Paulo, à Rua Marconi. Em 1950, deixou essa casa e foi exercer as mesmas funções na Livraria Planalto, também localizada à Rua Marconi.

Em 1953, ainda na mesma via, n.º 85, Américo de Souza Pinto preferiu trabalhar por sua própria conta, fundando a Livraria Souza Pinto, assim permanecendo até 1960, quando convidado pelo jornalista Carlos Rizzini e associado a este, fundou a Livraria Astréia numa sobreloja da Praça Ramos de Azevedo, 107. Não obstante as luxuosas instalações que lhe davam características inéditas, essa

Reportagem de Ignacio da Hora

beiro dos Santos, com importante brasiliense; a de Paulo Setúbal, a de Augusto Baillet e outras. As avaliações mais importantes por ele feitas foram as das bibliotecas de Waldemar Ferreira, a de Aristeu Seixas e a de Mário de Andrade, hoje pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros, na Cidade Universitária de S. Paulo, junto as bibliotecas de Alberto Lamego e Yan de Almeida Prado.

LIVRARIAS

Mas tratando-se de livros, sempre há necessidade de referir-se aos livreiros e as livrarias.

— Vi nascer e morrer uma centena de livrarias — diz Américo de Souza Pinto. A maioria sucumbiu com as avaliações constantes dos alugueis.

Vindo dos tempos em que as lojas do triângulo central paulistano chegavam a permanecer meses desalugadas, embora seus alugueis não ultrapassassem muito a casa dos cem mil réis, compreende-se muito bem o que significam os fabulosos alugueis de hoje, especialmente para os alfarrabistas que contam com um número restrito de compradores, alguns compreensivos e dispostos a pagarem o que um livro vale, mas, muitos, dispostos a carregarem os melhores exemplares sem maiores despesas.

— Destaco, como o mais culto e competente livreiro que conheci — diz ele — o falecido Augusto Gazeau, dono de privilegiada memória, que chegou a acumular mais de 300 000 volumes nos porões de sua casa, e, invariavelmente respondia com prontidão se existia, ou não qualquer obra procurada. Não posso deixar de destacar, também, o nome de Benedito Silva do Vale, ainda vivo, grande livreiro, fundador da Livraria Universal, na Rua 15 de Novembro, que veio a se transformar na atual Livraria Civilização Brasileira.

Mas suas memórias alcançam todos os setores. Como livreiro, assistiu ao fim da Primeira Guerra Mundial e toda a Segunda Guerra. Viu crescer explosivamente a Capital Paulista, que, de pacata cidade grande transformou-se na metrópole de hoje, passando, sucessivamente de Capital do Café a Capital da Indústria, palco da Semana de Arte Moderna e fulcro da Revolução de 32. Escritores, jornalistas, pintores, políticos, estudantes, livreiros de todo o mundo tiveram com ele um contato muitas vezes renovado.

— Mas conheci, também, grandes batedores de livros, ladrões refinados e aprendi a conhecer sua técnica. Há casos curiosos, nos quais estiveram envolvidos pessoas de grande destaque social. Outros eram pobres coitados que, ou furtavam para ler, ou pelo simples impulso doentio.

lhe davam características peculiares. Sua casa encerrou suas atividades em 1963, voltando Américo de Souza Pinto a exercer suas atividades individualmente, com a Livraria Souza Pinto, agora situada à Rua do Arouche, onde até hoje permanece.

EDITOR

Será interessante notar que em todo esse meio século, Souza Pinto dedicou-se quase que exclusivamente aos alfarrábios, vindo, apenas eventualmente, a transacionar com livros novos; também a título de exceção, veio a tornar-se editor, lançando três obras, duas das quais de Direito.

Américo de Souza Pinto não consegue dispensar-se de rememorar um sem número de acontecimentos transcorridos em cinquenta anos. Personalidades de nossa vida literária, política e social buscaram-no muitas vezes para adquirir um livro ou para vender-lhe uma biblioteca. Entre milhares de clientes, costuma destacar Rui Barbosa, Alberto de Oliveira, Felix Pacheco, Afrânio Peixoto, Pandiá Calógeras, Ascendino Reis, Altino Arantes, Washington Luiz, Macedo Soares, Alarico Silveira, J. Wash Rodrigues, Belmonte, Mário de Andrade, D. Olívia Guedes Penteado, Graça Aranha, Paulo Setúbal, Prestes Maia e muitos outros, vivos ou falecidos, que, sempre, toma em conta de seus amigos pessoais.

De Rui Barbosa lembra o fato de que o conselheiro procurara, há muitos anos, o velho Gazeau, indagando a possibilidade de obter determinada obra de Direito Internacional, de autor russo, em versão francesa. Diante disso o jovem Américo, apressou-se a descer ao famoso porão da praça da Sé, de onde voltou, eufórico, com o livro desejado. Para sua decepção, Rui limitou-se a receber o livro fão cobricado, sem sequer lembrar-se de elogiar a presteza ou, mesmo, de agradecer-lhe.

De Benedito Bastos Barreto, o sempre querido desenhista Belmonte, costuma recordar os tempos em que, não podendo efetuar maiores despesas, o artista buscava os exemplares mais surrados por serem de preços mais acessíveis. Certo dia, impossibilitado de adquirir um exemplar de O Cortiço, de Aloísio de Azevedo, Belmonte chamou Américo a um canto e solicitou-lhe o livro por empréstimo. Dias depois, devolveu-o com todos os espaços em branco tomados por desenhos de personagens ou episódios tirados do próprio texto. O exemplar, hoje valiosíssimo, perdeu-se e deve encontrar-se na biblioteca de algum colecionador.

CONSELHOS

De Ascendino Reis guarda as melhores lembranças, pelo tratamento que lhe dispensava, apesar da grande diferença de idades. Ascendino com 70 anos, tinha o jovem de 18 anos em conta de bom amigo e ministrou-lhe conselhos e informações sobre livros que até hoje são aproveitadas.

No que diz respeito a compras ou avallações, recorda as bibliotecas de Mário de Novais, de Campinas, cujos 20.000 volumes exigiram 11 caminhões para o transporte, inclusive um deles lotado de partituras musicais que foram enriquecer um cantor italiano; e de Arthur Motta, com 12.000 volumes; e de Gabriel Ri-